946.94
F46t

A

TÔRRE da LADEIA

946.94
F46t

Separata de «O INSTITUTO», vol. LXXIV, n.º 2

A TÔRRE DA LADEIA

As ruínas dêste antiquíssimo alcácer amontoam-se no fundo do vale da freguesia do Alvôrje, no concelho de Ancião, sôbre os limites dos distritos de Coimbra e de Leiria, distando 28 quilómetros para o sul daquela cidade, e 9 para o poente da vila de Penela.

A povoação tomou-lhe o nome, pois que *albôrge* em arábigo significa — *a torrinha* —, sendo construída para guarda da fonte próxima.

Na doação que D. Afonso Henriques fez em 1166 ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra achamos especial menção da herdade da Ladeia e da sua tôrre (1).

Nos Cónegos Regrantes continuou alguns séculos, sempre isenta e previlegiada, como consta das *Inquirições* de D. Afonso II, D. Afonso III, e D. Denis, e subseqüentes documentos.

Santa Rosa de Viterbo (2), e ùltimamente o distinto escritor Dr. António Baião (3) não souberam localizar a Ladéra, ou Ladea, Ladeia, convertida agora em Ladeira.

Dos diplomas medievais apenas consta que jazia no Reguengo do Rabaçal.

Não se confunda a quinta da Tôrre com a granja da Lá-

---

(1) *Historia Eccles. Lusitaniae*, de D. Tomás da Encarnação, vol. III, pág. 103.

(2) *Elucidário de palavras antigas*, vol. II, pág. 74.

(3) *Arqueólogo Português*, vol. XVI, pág. 70.

Port

dea, que, D. Afonso III, deu em 1254 às Donas do Mosteiro de Santana de apar a ponte de Coimbra (1).

No meiado do século XVI uma das mais preclaras famílias de Leiria (2) aforou aos frades agostinhos a velha propriedade, e em 1609 trazia-a um fidalgo pombalense, Sebastião Gomes de Abreu, casado com D. Jerónima Soares da Guerra, e a quem a Bula pontifícia (3) chama D. Sebastião, Conde de Pombal.

D. Jerónima era tia paterna de D. Pedro Vieira da Silva, Secretário de Estado, de 1643 a 1670 (4), depois Bispo de Leiria, de 1671 a 1676 (5).

*
* *

A Tôrre da Ladeia, de planta rectangular, com aparelho de pedra calcárea, lamelar, e cantaria guarnecendo as pequenas janelas, media vinte metros sôbre dez por lado, e os seus três andares, bastante elevados, destacavam-se a grande distância.

Encostada à casaria, no canto sudoeste, a face principal olhava o meio dia, assentando todo o edifício em terreno inclinado.

---

(1) *Índices da Câmara de Coimbra*, do Dr. Aires de Campos, parte II, pág. 173.

(2) *Corografia Portuguesa*, 2.ª edição, vol. III, pág. 63.

(3) Pergaminho n.º 31, na Gaveta 3.ª, maço 2.º, no Cartório da Secretaria da Universidade de Coimbra. Vide *Catálogo* respectivo, de Gabriel Pereira, 1881, pág. 27.

(4) *História Genealógica da Casa Real*, vol. XII, parte II, págs. 759–760.

(5) *Couseiro*, ou *Memórias do Bispado de Leiria*. Braga, 1868, págs. 343-344.

*
* *

O Rabaçal, fértil território entre Condeixa e Ancião, Redinha e Penela, formava nos séculos XII. e XIII um *Reguengo* composto das cinco vizinhas freguesias, incluindo o Alvôrje, e com área aproximada de 10 quilómetros quadrados. Em 1222 formou Concelho, cujo senhorio mais tarde obteve primeiro o Conde de Tentugal, e por fim os últimos Duques de Cadaval. Extinto em 1852 passou para o Concelho de Penela.

*
* *

Pelas informações do *Dicionário Geográfico,* manuscrito, colecção de *Memórias paroquiais de 1758,* formando 42 volumes, arquivados na Tôrre do Tombo, e cujo extrato do mais interessante publicou (1) o douto arqueólogo, oficial da Biblioteca Pública de Lisboa, o Senhor Pedro de Azevedo, notas estas completadas pelas que editou o académico Delfim de Almeida (2), sabemos que — «a Tôrre e casa forte do Alvôrje, do tempo de Trajano, defendia a fonte que nasce a pequena distância; quando a possuía Pedro de Figueiredo da Guerra tinha três andares, e pela demasiada altura, êste a reduziu a dois, com pirâmides nos cantos, deixando ficar o resto da fortaleza em um só sobrado», acrescentando-lhe a galeria de entrada e a varanda junto à capela.

Sessenta anos mais tarde, — em 1729 a quinta do Al-

---

(1) *Arqueólogo Português,* nos primeiros dez volumes; e sôbre *Ladeia,* no vol. II, pág. 191.

(2) *Noticias de Penela,* Lisboa, 1884, e *Suplemento* de 1886, págs. 482, e 84.

UNIVERSITY OF
ILLINOIS LIBRARY
AT URBANA-CHAMPAIGN

vôrje pertencia a Melchior Carneiro Sotomaior de Figueiredo Guerra, vindo depois em 1748 para seu genro Pedro José de Salasar Jordão da Cunha de Eça, mas extinguindo-se êste ramo em 1795, voltaram os bens para José de Figueiredo da Guerra, que sendo Capitão-mór de Coimbra, não pôde residir na Ladeia.

O derradeiro administrador da Tôrre foi seu neto José Joaquim de Figueiredo da Guerra, que de menor idade, quando estudava em Coimbra, morreu afogado no pôrto dos Bentos, a 11 de Julho de 1857.

*
* *

A casa da quinta abandonada, e entregue a caseiros desde o referido ano de 1795, começou a ruir, e os seus destroços aumentaram depois do falecimento de meu primo carnal, e os parentes para evitar pleito judicial resolveram alienar a herança.

Assim a Tôrre de Ladeia e suas grandes dependências foram adquiridas em 1857 pelo Dr. Adriano Augusto Lopes Vieira, Médico, e por dois proprietários, do Alvôrje, recolhendo então a imágem de Nossa Senhora do Pilar, Padroeira da vetusta capela, à quinta de S. Tomé, de Condeixa-a-Nova.

*
* *

Nas nossas visitas ao montão de ruínas do solarengo edifício debalde procuramos a inscrição imperial da fundação, e, procedendo a minuciosas investigações nos papeis de família, concluímos que a lápide, a ter existido, desapareceu antes das obras de 1670, porque era natural que reformador Capitão-mór (bem diferente do da Morgadinha de Vale Flôr), letrado e amigo de antiguidades, a conservasse com todo o

cuidado, relevando-a no meio da pedraria, ou a colocasse em logar de realce.

*
* *

É certo que os restos da *Conimbriga*, de Condeixa, escaparam à fúria dos bárbaros e dos árabes, persistindo até à idade moderna; não nos devemos admirar que a sua vizinha Tôrre do Alvôrje chegasse até nós, devido a circunstâncias fortuitas, como têm sucedido nos demais países.

*
* *

Os Romanos costumavam erguer tôrres para vigiar as fontes e as nascentes de água mais importantes, quadradas e altas de alguns andares, por vezes isoladas na planície.

Lembraremos o torreão de Alcabideque, junto ao tanque ou reservatório, onde finda o aqueduto da velha *Conimbriga*, hoje demolido na parte superior.

*
* *

O *Arqueólogo Português* (1) mostra as gravuras das ruínas de Condeixa-a-Velha (2), a que se referem os artigos dos Drs. Augusto Filipe Simões, José Leite de Vasconcelos e Borges de Figueiredo.

No campo dos arredores da cidade de Roma aparece uma esguia tôrre de três pavimentos, solitária, donde perto brota um manancial de água, no meio de arvoredo, abrigo dos rebanhos que pastam nas proximidades.

---

(1) Volume VIII, págs. 152 e seguintes.

(2) Segundo as fotografias do Dr. Martins de Carvalho.

Conhecemos outro torreão da época imperial latina, que se levanta ainda altivo entre as imponentes ruínas de um palácio senhorial; demora nos montes Taunus, em Königstein, ao norte de Wiesbaden, na junção da estrada que vem de Frankfort sôbre o Mêno, sítio pitoresco, e cujo delicioso panorama atrai os viajantes que visitam as famosas Termas, e as margens do lendário Rheno.

Viana, Agôsto de 1926.

Luiz de Figueiredo da Guerra.

COIMBRA — Imprensa da Universidade — 1927

B-1806-2

ee/825

UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
946.94 F46T C001
Torre de Ladeia /
3 0112 089307273